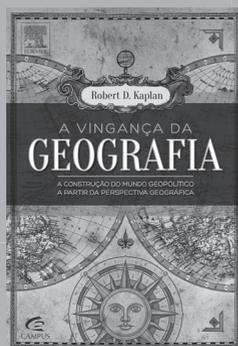


# A vingança da Geografia

*Robert D. Kaplan*



KAPLAN, Robert D. **A vingança da Geografia:** a construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica. Tradução Cristiana de Assis Serra. 1. Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

O autor da obra é analista geopolítico da empresa de consultoria e inteligência global Stratfor, ex-membro do Conselho de Políticas de Defesa do Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América (EUA) e ex-professor visitante da Academia Naval de Annapolis, da Marinha dos EUA. Robert Kaplan tem diversos livros e artigos publicados em outros periódicos, entre eles a revista *Foreign Affairs*.

Robert Kaplan defende, como tese principal de *A vingança da Geografia*, a importância primordial dos fatores fisiográficos como condicionantes da geopolítica mundial. A esses fatores o autor se refere como “geografia”. Assim, logo após o término da Guerra Fria, quando se questionava a importância dos aspectos da geografia física como determinantes geopolíticos e quando a geografia humana e os meios tecnológicos pareciam ter vencido obstáculos naturais, como relevo e hidrografia, alguns eventos nos campos

político e militar lembraram aos estudiosos e planejadores geopolíticos e militares que a análise dos aspectos naturais ainda é fundamental, e que esses aspectos ainda influenciam profundamente a aplicação do poder aos territórios. A lição foi decorrente de eventos e tendências políticas, como a movimentação geoestratégica da China em seu litoral, em direção ao Pacífico e ao Índico, e da Rússia, em direção à Europa Central, entre outros. No campo militar, as dificuldades vivenciadas pelos EUA nos territórios longínquos e hostis do Oriente Médio e da Ásia Central também reforçaram a centralidade da geografia.

Assim, o autor explora o papel primordial do homem ao modificar o meio em que vive, constituindo-se em agente central da Geopolítica. Entretanto, a tese central da obra consiste na análise de como os fatores físicos dos territórios, as condições fisiográficas — relevo, hidrografia,

vegetação, clima, litoral — e o posicionamento geográfico ainda são fatores primordiais para as análises geopolíticas. Conforme o título sugere, a geografia [física] teria recentemente se vingado daqueles que não lhe tinham dado a devida importância quando de suas análises geopolíticas e planejamentos estratégicos e operacionais militares.

A obra é dividida em três partes: “Visionários”, “O mapa do começo do século XXI” e “Braudel, México e a estratégia geral”.

Na primeira parte, o autor aplica as teorias clássicas da geopolítica de Mackinder, Spykman e Mahan à realidade atual. No capítulo referente ao Mapa Eurasiático, Kaplan justifica e, assim, amplia o entendimento do leitor acerca do movimento de expansão recente da Rússia, em sua tentativa de consolidar o Heartland de Mackinder, “um dos principais dramas geopolíticos de nosso tempo”. Quando discorrendo sobre o poder marítimo, Kaplan explora a adoção, pelos EUA, dos fundamentos geopolíticos de Julian Corbett, ao mesmo tempo em que explica como a aplicação dos ensinamentos de Alfred Mahan tem influenciado a atuação das marinhas de guerra da China e da Índia, bem como a ação da Rússia ao anexar a Crimeia. Ao abordar a Tese do Rimland, de Nicholas Spykman, o autor explica como a necessidade de conquistar as bordas do Heartland de Mackinder decifra muitos dos desafios contemporâneos, a atual ordem multipolar e a centralidade do eixo América do Norte-Eurásia. Além disso, com interesse para o Brasil, destaca-se a interpretação de Mackinder sobre a geopolítica da América do Sul, com seu litoral norte voltado para o Caribe — assim, dentro da esfera de influência dos EUA — e com a

Amazônia constituindo-se em dissociador continental e isolador do Cone Sul, comparada ao Saara com relação à África Subsaariana. Esse paradigma desafia a tradicional divisão do continente em Américas do Norte, Central e do Sul.

Ainda nessa parte de sua obra, Kaplan explica como a utilização de princípios da geopolítica por Karl Haushofer a serviço do nazismo distorceu o estudo da Geografia como importante ferramenta para a aplicação do poder aos territórios, um desfavor ao campo da Geopolítica, que até hoje a mantém estigmatizada em todo o mundo. Além disso, Kaplan fala sobre a tese da crise de espaço de Paul Bracken e sobre os novos desafios da Geopolítica, decorrentes muitas vezes do intenso processo de urbanização contemporâneo. Finalmente, Kaplan analisa as mudanças de paradigmas liberais e realistas dos anos 1990 e do início do século XXI, com repercussões para as intervenções nos Balcãs e no Oriente Médio, e trata dos desafios do Grande Oriente Médio, o “Oikoumene” de Marshall Hodgson, entre outros assuntos. Nessa primeira parte do livro, fica muito bem caracterizada a aplicabilidade e a atualidade das teorias clássicas da Geopolítica, o que faz com que a obra se constitua em instrumento valioso do estudo de casos de aplicação dessas teorias.

Na segunda parte da obra, “O mapa do começo do século XXI”, o autor passa a aplicar os pressupostos geopolíticos apresentados na primeira parte da obra a diferentes espaços geográficos: a Europa e os desafios demográficos e os decorrentes de suas heterogeneidades geográficas e históricas; a Rússia, com a insegurança de seu vasto território, desprovido de obstáculos naturais, e sua decorrente tendência preventiva

de expansão; a Índia e seu dilema geográfico (divisões internas reforçadas por dissociadores territoriais internos, diversidade religiosa e cultural e constantes ameaças advindas de seu entorno); a China e sua imensa demanda por recursos estratégicos a impulsionar seu poder terrestre para a Ásia Central e seu poder marítimo para os oceanos Índico e Pacífico, causando conflitos de interesse crescentes no Mar da China; o Irã como pivô da estabilidade ou da instabilidade do Grande Oriente Médio e, em consequência, do mundo; e, finalmente, o antigo Império Otomano e suas pendências territoriais pós-Primeira Guerra Mundial ainda na pauta Geopolítica mundial.

Nessa parte da obra, da Geopolítica Clássica aplicada, a centralidade dos aspectos fisiográficos continua a ser evidenciada, enriquecida por elementos característicos de paradigmas humanistas muitas vezes presentes, como as teorias do Desafio e Resposta, de Arnold Toynbee, e do Choque de Civilizações, de Samuel Huntington, embora tais paradigmas não sejam mencionados como sendo aspectos constituintes dessas teorias. Além disso, as interações com a História apresentadas por Carlos de Meira Mattos em sua obra *Geopolítica e Modernidade* (2002) também são sempre evidentes, bem como a importância igualmente primordial da ação humana e de suas interações com os espaços naturais.

Na última parte do livro, “Braudel, México e a Estratégia Geral”, o autor defende a importância da estabilidade do México e da integração dos

Estados Unidos com as Américas do Norte e Central e com o Caribe para que se atinjam os objetivos da grande estratégia norte-americana. Assim, os desafios demográficos e a instabilidade mexicana seriam vitais para a manutenção dos EUA como potência e contraponto a uma Ásia cada vez mais integrada. Nessa parte da obra, fica bastante evidente a Geopolítica voltada aos aspectos populacionais — migrações e demografia. Esse capítulo encerra uma referência expressa a Braudel, um dos historiadores fundadores da Escola dos Annales, fazendo mais uma menção à importância da história nos estudos da Geopolítica.

A obra encerra com o mencionado capítulo sobre a Estratégia dos EUA. Parece faltar um capítulo de conclusão, que retomasse os pontos principais de sua tese central e a reforçasse, buscando relacionar ideias distintas que comprovassem a importância da Geopolítica Clássica como uma das grandes chaves para a compreensão da(s) nova(s) ordem(ns) mundial(is) e como ferramenta indispensável para o estudo da aplicação do poder aos territórios, nos campos externo e interno. Ainda assim, a obra é esclarecedora e bastante valiosa para o estudo da Geopolítica Clássica e do século XXI, uma referência das mais importantes. Além disso, a expressão militar do poder encontra-se frequentemente no centro da discussão. Recomendo fortemente sua leitura por professores, instrutores e estudantes das Ciências Militares, particularmente nos estudos estratégicos e geopolíticos.

**RESENHA ELABORADA POR** Túlio Endres da Silva Gomes

Ten Cel Cav (AMAN/95), instrutor do Centro de Estudos Políticos e Estratégicos – Instituto Meira Mattos (ECEME).